

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

**CULTURA ESPANHOLA. NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. ANTONIO GARCIA Y BELLIDO - EL CULTO A MITHRAS EN LA PENINSULA IBERICA. ESTUDIOS SOBRE ESCULTURA ROMANA EN LOS MUSEOS DE ESPAÑA Y PORTUGAL.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1948 | Número: 58

---

## Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Notícia de algumas publicações recentes. Antonio Garcia y Bellido - El culto a Mithras en la Peninsula Iberica. Estudios sobre escultura romana en los Museos de España y Portugal. *Revista de Guimarães*, 58 (3-4) Jul.-Dez. 1948, p. 371-374.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

tência, como a que todos reconhecemos no Sr. Taracena Aguirre.

**Antonio Garcia y Bellido.** I — *El culto a Mithras en la Peninsula Iberica.* Madrid, 1948.

II — *Estudios sobre escultura romana en los Museos de España y Portugal.* Separata da "Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos", Tomo LIII. Madrid, 1947.

I — O Sr. Prof. Garcia y Bellido publicou mais um dos seus densos e substanciosos estudos, este sobre a expansão na Península Hispânica, através do domínio romano, do culto mitraico que, como sabemos, é de origem oriental e teve seu berço na Pérsia. Começa o ilustre A. por nos apresentar um estudo sintético da veneração a Mitra, lugares onde esta divindade era consagrada, expansão do culto pela Ásia Menor e pelo mundo greco-romano, detalhes do seu ritual, etc., focando o assunto em todos os seus aspectos — religioso, histórico e arqueológico.

O estudo da religião mitraica, que teve no historiador belga Franz Cumont um dos mais notáveis comentadores, é de uma transcendente importância, pois se a expansão do Cristianismo derrubou este e outros cultos pagãos do mundo ocidental, ainda dessas primitivas crenças lhe ficaram impressos, especialmente do culto de Mitra, muitos pontos de contacto, sob o ponto de vista litúrgico e até da ética religiosa.

O Sr. Prof. Garcia y Bellido tratando da expansão do culto de Mitra na Península, chama-nos a atenção para a escassês de monumentos nela existentes e com aquele culto relacionados, facto que atribui à circunstância de serem pequenos os efectivos das forças romanas de ocupação, visto supor-se terem sido os legionários romanos os portadores da religião mitraica ao Ocidente. Outros cultos de origem oriental teriam sido trazidos à Península, não por via dos soldados, mas sim dos mercadores, tal como a devoção de Isis, de Attis e de Cibele; e, portanto, a expansão do culto destas divindades na Península teria sido naturalmente maior que a do culto de Mitra, pois era precisamente

às zonas pacificadas do Império onde em maior quantidade afluíam os comerciantes e os emigrantes. Para testemunhar esta afirmativa o Prof. Garcia e Bellido passa em seguida a descrever a distribuição das tropas romanas de ocupação do território, demonstrando que foi precisamente nos lugares que dispunham de guarnições militares romanas onde o culto de Mitra teve maior vitalidade e criou fundas raízes. Finalmente, analisa e descreve os monumentos mitraicos até hoje encontrados em Espanha e Portugal, constituídos por aras votivas, inscrições, *mithraea*, esculturas diversas e lucernas.

Relativamente aos monumentos portugueses, cita o Prof. Garcia y Bellido uma inscrição do Museu Regional de Beja, a que liga particular importância, por ser a única da Península que alude a uma organização mitraica, confraria ou colégio (*sodalitium*) que existiu em Bracara Augusta. Refere-se em seguida, com suficiente extensão, ao célebre retábulo mitraico proveniente das ruínas de *Tróia* de Setúbal; e, por fim, menciona também uma interessante lucerna, com o busto de Hélios, pertencente ao Museu Etnológico de Belém.

Sobre o notável baixo-relevo mitraico de Setúbal, monumento iconográfico dado a conhecer há 14 anos n-«O Arch. Português» pelo Coronel Marques da Costa, publicou ainda há pouco o Arqueólogo Sr. P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay um artigo na «Brotéria». Por esse artigo ficamos sabendo, todos quantos entre nós se interessam pelos assuntos da Arqueologia, e em especial pelas antiguidades portuguesas, dos vergonhosos tratos de polé que esta importantíssima escultura (a qual pode, sem favor, colocar-se a par das mais notáveis que existem referentes ao culto de Mitra, nos Museus estrangeiros) tem sofrido, desde o seu aparecimento até hoje, a ponto de ultimamente ter levado descaminho, sem se saber como (!), uma parte deste interessante baixo-relevo, que, para vergonha nossa, ainda não se encontra sob a protecção de um Museu do Estado. Factos desta ordem, na verdade lamentáveis, mostram a incúria e indiferença com que em Portugal ainda se encaram os estudos arqueológicos. As célebres ruínas de *Tróia* de Setúbal, onde existiu o *mithraeum* a que o retá-

bulo pertenceria, continuam esperando uma escavação metódica, feita, não por amadores e colecionadores de antiguidades, mas por verdadeiros arqueólogos. Bem a mereciam essas ruínas, consideradas por Garcia y Bellido como «das mais interessantes de toda a Península», e cuja exploração nos traria, sem dúvida alguma, «resultados do máximo interesse científico».

II — O ilustre Professor de Arqueologia dividiu este outro estudo, sobre escultura romana nos museus de Espanha e Portugal, em duas partes: na primeira analisa dez retratos romanos do Museu Arqueológico de Barcelona, entre os quais se contam duas cabeças de mulher, uma de mármore (figs. 1, 2, 3), outra de bronze (figs. 19, 20, 21), procedentes de Ampurias, já estudadas num trabalho do Director daquele Museu, Prof. Martin Almagro, igualmente publicado em 1947, e a que nestas páginas fazemos também referência; a segunda parte menciona algumas falsificações e imitações de obras escultóricas romanas, patentes em museus de Espanha e de Portugal. Condena o facto de museus tão importantes como é o Arqueológico de Barcelona, por exemplo, exporem falsos, isto é, peças que o A. classifica de «antiguidades modernas», se bem que o notável Museu do Parque de Montjuich, exhiba tais esculturas (14 bustos de imperadores romanos) apenas como matéria ornamental de um vestibulo, e não como preciosidades arqueológicas.

Pelo que diz repeito a museus portugueses, alude ao Museu Regional de Évora, que expõe três falsas esculturas romanas, consideradas ali como cabeças de imperadores, e adquiridas em Madrid, no ano de 1796, pelo Arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo, juntamente com outra escultura de uma suposta Bacante, que também não é obra romana, mas sim da Renascença. O Prof. Garcia y Bellido estranha, com justa razão, que o falecido crítico de Arte Aarão de Lacerda tivesse incluído estas esculturas como documentação da sua «História da Arte em Portugal», quando ele próprio diz, nessa obra, que são de procedência espanhola, e ainda com a agravante de as considerar romanas, quando o não são.

Verberando a forma de exhibição de todas estas

peças falsas dos museus e colecções públicas de Espanha e Portugal, tais como as do Museu Municipal de Tortosa, da Academia de S. Fernando, do Museu de Belas Artes de Córdoba, dos Museus Arqueológicos de Madrid, Barcelona e Valladolid, do nosso Museu de Évora, etc., o ilustre Prof. da Universidade de Madrid venceu no seu interessante trabalho estas criteriosas palavras: «Que um museu possua cópias ou imitações antigas, e, inclusivamente, peças falsas, não é desdouro algum. Mas que as exponha com falta de critério e de consciência, isso já é pecado grave».

Este breve mas substancioso estudo precede um trabalho mais vasto, de carácter geral, sobre «Escultura romana na Península», que já se encontra no prelo, e com a maior curiosidade e interesse científico ficamos aguardando.

---

**Pedro Bosch Gimpera, *Sobre problemas de la Prehistoria Americana*. Separata de «Acta Americana», Vol. VI, n.º 1-2. México D. F., 1948.**

O insigne Professor Pedro Bosch Gimpera, sábio pré-historiador e etnólogo de reputação mundial, actualmente Director em Paris da Secção de Humanidades da *UNESCO*, não diminuiu a sua conhecida actividade científica enquanto permaneceu, durante alguns anos, na América latina. Ali publicou, em 1945, a importantíssima obra «La formación de los pueblos de España», na qual rectifica muitas ideias expendidas na sua «Etnologia de la Península Ibérica», e valiosos artigos de pré-história e de etnologia europeias, em periódicos científicos mexicanos, tais como um notável trabalho sobre «El Mesolítico europeo», na Revista *Ciência*, os estudos «Los Foccos y el lejano Occidente» y «Elementos de formación de Europa: los Celtas», na *Revue de l'IPAL* (Institut Français de l'Amérique Latine); etc. Um dos seus mais recentes trabalhos, de que vamos dar breve notícia, foi ainda elaborado no México, e publicado no vol. VI dos *Acta Americana*, tendo como título — «Sobre problemas de la Prehistoria Americana».

O marco cronológico a fixar aos primeiros indí-